

A PEQUENA EMPRESA NA ESTRUTURA INDUSTRIAL DE RIO CLARO (SP), BRASIL: ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS E ESPACIAIS

Auro Aparecido Mendes*

I. Introdução

A partir da década de 50 iniciou-se um processo de concentração e centralização do capital industrial e financeiro sob a forma de conglomerados cuja a atuação extrapola as fronteiras nacionais transferindo capital, tecnologia, mão-de-obra, matérias-primas e mercadorias, em volume e valores nunca antes atingidos na história da economia mundial. Essa economia transnacionalizada, composta por empresas oligopolistas, não conseguiu eliminar as contradições do sistema capitalista, ou seja, a existência de indústrias de diferentes portes e em estágios diversos de desenvolvimento. Neste sentido, é possível identificar em um mesmo país grandes conglomerados e pequenas empresas. Assim sendo, é plausível perguntar: Como sobrevivem estas pequenas empresas em um mesmo mercado, com fortes oligopólios? Qual o seu arranjo espacial? Que medidas o poder público poderia adotar a fim de assegurar as condições de funcionamento às mesmas?

No entanto, são poucos os estudos pertinentes a este tema e se restringem, praticamente, a pesquisas realizadas em países desenvolvidos.

De uma maneira geral, estes estudos estão de acordo quanto: à relevância do papel dessas unidades produtivas na absorção de parcela relevante da mão-de-obra, à relação de complementaridade e/ou subordinação que mantêm com a grande empresa e os principais problemas por elas enfrentados, como a falta de acesso às fontes de capital e às inovações tecnológicas, etc.

A análise espacial e a definição de pequenas empresas apresentam variações, como as que separam, por exemplo, as pequenas unidades localizadas no Estado de São Paulo daquelas encontradas nas áreas menos desenvolvidas da Região Nordeste, no caso brasileiro.

A grande difusão destas pequenas unidades produtivas chega, por vezes, a constituir no elemento central de crescimento de algumas cidades e serve como estratégia de sobrevivência de seus habitantes. As pequenas empresas desempenham, nos momentos de crise, um papel análogo aquele realizado pela economia informal: o de absorver parcela da mão-de-obra que, uma vez desempregada, acaba abrindo pequenos negócios. Entretanto, a expansão numérica das pequenas empresas se contrapõe a uma alta taxa de “mortalidade” ou extinção das mesmas. É preciso ressaltar ainda que as pequenas empresas possuem diferentes graus de “visibilidade”. Sendo pequenas unidades produtivas elas funcionam, na maioria das vezes, em fundos de quintais, galpões ou em cômodos da residência de seus proprietários, onde é razoável supor que possuam características funcionais e organizacionais próprias.

A presente pesquisa não pretende esgotar um tema tão amplo e complexo, mas contribuir para um melhor entendimento desse importante segmento industrial e fornecer subsídios para a realização de novos trabalhos.

* 1. Professor Assistente do Departamento de Geografia, Universidade Estadual Paulista - UNESP, Rio Claro - SP, Brasil.

As principais questões que nortearam a realização deste trabalho foram as seguintes:

- Quem são os pequenos empresários? O que levou os mesmos a se dedicarem a esta atividade?
- Qual é a distribuição espacial destas pequenas unidades de produção?
- Qual o estágio tecnológico do processo produtivo?
- Quais são os serviços de subcontratação por elas prestados?
- Que estratégias utilizam para se manterem no mercado?

Material e Método

Os procedimentos desenvolvidos e as técnicas utilizadas na elaboração da pesquisa merecem ser explicitadas.

O levantamento documental constituiu a primeira fase da pesquisa. A classificação do tamanho da indústria seguiu os critérios do cadastro da Federação da Indústria e Comércio do Estado de São Paulo, que considera pequena empresa o estabelecimento industrial que emprega até 99 pessoas.

Na delimitação da pesquisa de campo, optou-se por não trabalhar com o universo das pequenas indústrias cadastradas (382 unidades produtivas), mas sim com uma amostra (10% do total, ou seja, 38 indústrias).

A pesquisa de campo consistiu na visita aos estabelecimentos selecionados e na aplicação de um questionário/formulário junto às empresas.

O término da aplicação do questionário/formulário remeteu aos seguintes resultados: do total de 38 estabelecimentos selecionados pela amostragem, 32 responderam (84%) e 6 (16%) deixaram de existir.

A pesquisa contemplou, também, as pequenas indústrias instaladas no Projeto NIDO (Núcleo de Iniciação e Desenvolvimento de Organizações) criado em 1994. Tal projeto é uma iniciativa da Federação da Indústria e Comércio do Estado de São Paulo em parceria com a Prefeitura Municipal de Rio Claro, e conta com o apoio do Serviço de Apoio à Micro e Pequena Empresa do Estado de São Paulo (SEBRAE-SP.). O projeto mencionado, tem por objetivo dar assistência temporária às empresas industriais nascentes.

Do total de 17 pequenas empresas em funcionamento em 1995, 14 empresários (82%) responderam o questionário/formulário.

Foram meses de convivência com os pequenos empresários do projeto e fora dele, proporcionando uma experiência enriquecedora que possibilitou ao pesquisador observar, registrar e compreender um pouco mais as dificuldades e estratégias utilizadas, com muita criatividade, neste segmento industrial.

Resultados Obtidos:

A seguir, são apresentados os principais resultados comuns obtidos na pesquisa realizada junto aos empresários instalados no Projeto Nido e fora do referido projeto. Entre eles merecem destaque os seguintes:

- aproximadamente 50% dos empresários possuem cursos universitários (Engenharia, Administração de Empresas, Economia, entre outros);
- cerca de 80% das indústrias são de capitais locais;
- os gêneros industriais predominantes são: metalúrgica, mecânica, produtos alimentares e vestuário;

- principais problemas enfrentados pelos pequenos empresários: juros altos, mercados estagnados, entraves governamentais (normas e leis sujeitas à mudanças repentinas), falta de incentivos governamentais e municipais, inexistência de recursos para a aquisição de novos equipamentos e tecnologias, etc.;
- novos projetos a serem realizados pelos pequenos empresários: modernização dos equipamentos, ampliação das instalações, fabricação de novos produtos, conquista de novos mercados.

No que tange aos aspectos espaciais, constatou-se que as pequenas empresas industriais apresentam um padrão locacional peculiar, ocupando lugares inusitados (fundos de quintais, garagens, etc.), muitas vezes escondidas em “total invisibilidade espacial” aos olhos do pesquisador.

De uma maneira geral, todos os empresários instalados no Projeto NIDO estão satisfeitos, como demonstram os depoimentos dos pequenos empresários abaixo arrolados:

- “O mais importante é a convivência, a troca de informações e a experiência com os demais empresários”,
- “Aqui temos incentivos de aluguel, cursos e apoio das instituições”;
- “Contamos com assistência em treinamento e consultoria na área de produção e administração”;
- “Temos o essencial: ambiente empresarial, espaço e apoio técnico”;
- “O Projeto nos dá mais segurança e estímulo”;
- “Temos acessoria para realizarmos contatos com novos mercados”.

Tais respostas evidenciam a importância desse ambiente industrial, da segurança advinda do apoio, da consultoria por parte dos profissionais especializados disponíveis no Projeto e da infra-estrutura existente que possibilita a sobrevivência dos pequenos empresários.

Atualmente, encontra-se em construção o Micro Distrito Industrial que visa atender as indústrias de pequeno e médio portes. Esse distrito tem por objetivo, também, criar um espaço para a implantação das indústrias que deixam a “incubadora” do Projeto NIDO.

Considerações Finais:

Os problemas que as pequenas empresas enfrentam são diversificados e apresentam especificidades diferentes em cada caso, principalmente, quanto às características de que se revestem.

Em muitos casos, o seu “ciclo de vida” é curto em função das dificuldades encontradas para sobreviver (falta de capital de giro, falta de apoio, atraso tecnológico, entre outras).

O Projeto NIDO tem por objetivo dar assistência temporária às empresas nascentes. O motivo de sua criação deve-se ao fato de que o sucesso das pequenas empresas dependem do apoio que receberem na sua fase inicial. Contudo, deve-se salientar que a pesquisa constatou que essas empresas precisam de acompanhamento permanente, não apenas no seu surgimento ou no período de incubação.

As pequenas empresas não podem ser ignoradas pelas autoridades e instituições ligadas à estrutura econômica local e do país. Tais indústrias não podem ser negligenciadas não só porque são muitas e representam uma contribuição importante para o desenvolvimento industrial, mas, sobretudo, porque a estagnação e o desaparecimento destas unidades produtivas acarretam elevados prejuízos sociais.

Bibliografia :

- BARROS, F.R. **Economia Industrial do Novo Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Apec, 1975.
- BARROS, F.R. **Pequena e Média Empresa e Política Econômica: Um Desafio à Mudança**. Rio de Janeiro: Apec, 1978.
- COUTINHO, L.G.; FERRAZ, J.C. (org.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. Campinas: Papirus/UNICAMP, 1994.
- MENDES, A.A. Dinâmica Locacional Intra-Urbana das Indústrias: O Caso da Cidade de Rio Claro, SP. Rio Claro, **Geografia**, 12(24): 61-84, 1987.
- RATTNER, H. **Pequena e Média Empresa no Brasil: 1963-1976**. São Paulo: Símbolo, 1979.
- RATTNER, H. (org.). **Pequena Empresa: O Comportamento Empresarial na Acumulação e Luta pela Sobrevivência**. São Paulo: Brasiliense/CNPq, 1985.
- SAMPAIO, S.S. A Industrialização de Rio Claro. Contribuição ao Estudo da Desconcentração Espacial da Indústria no Estado de São Paulo. Rio Claro, **Geografia**, 12(24): 1-60, 1987.
- TAYLOR, M.J.; THRIFT, N.J. Industrial Linkage and Segmented Economy: 1. Some Theoretical Proposals. **Environment and Planning A**, 14(2): 1601-1613, 1982.